

O OLHAR SOBRE O SILENCIAMENTO DA AUSÊNCIA DE AUTORAS/ES NEGRAS/OS NO LIVRO DIDÁTICO

Prof^{ra}. Esp. Bruna Vasconcelos de Santana¹

Prof^o. Esp. Diêgo Cruz Argolo²

Prof^{ra}. Dr^a. Laureci Ferreira da Silva³

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar as faces do simulacro do racismo estrutural através de instrumentos destinados às escolas públicas. Para tanto, foi analisada a composição dos autores escolhidos organizados no livro didático Tecendo Linguagens da editora IBEP na disciplina de Língua Portuguesa adotado na escola de primeiro grau Jesus Cristo no ano de 2021. Os dados deste estudo foram gerados a partir de uma breve pesquisa, no exemplar do 8º ano, 5ª edição, ano 2018, buscando o gênero e a etnia dos autores dos textos que compõem a obra escolhida para o ensino de leitura e escrita na Escola Jesus Cristo, evidenciando assim o silenciamento e o apagamento das obras dos escritores e escritoras negras. Para realizar essa análise optamos pela pesquisa bibliográfica. O resultado deste estudo aponta para um projeto de emudecimento adotado por um sistema de pensamento plutocrático no disfarce de uma política neoliberal através da simples adoção de um livro para toda uma comunidade dessa escola.

Palavras-chaves: Silenciamento; Ausência; Livro Didático; Educação; Racismo

ABSTRACT

The aim of this article is to analyze the faces of the simulacrum of structural racism through instruments intended for public schools. Therefore, the composition of the chosen authors organized in the textbook Tecendo Linguagens, published by IBEP, was analyzed in the Portuguese Language course adopted at the Jesus Cristo Elementary School in 2021. The data for this study were generated from a brief survey, in the issue of the 8th year, 5th edition, year 2018, seeking the gender and ethnicity of the authors of the texts that make up the work chosen for teaching reading and writing at Escola Jesus Christ, thus evidencing the silencing and erasure of the works of black writers and female writers. To carry out this analysis, we opted for bibliographical research. The result of this study points to a muting project adopted by a plutocratic system of thought in the guise of a neoliberal policy through the simple adoption of a book for an entire community of that school.

Keywords: Silencing; Absence; Textbook; Education; Racism

1 INTRODUÇÃO

Muito tem sido discutido sobre a ausência de autoras negras e autores negros no espaço da comunidade escolar. No entanto, evidentemente é sabido por todos que nos planejamentos anuais das unidades escolares algumas datas comemorativas servem de parâmetro para retratar

¹ Bruna.vasconcelos@nova.educacao.ba.gov.br

² diego.argolo@nova.educacao.ba.gov.br

³ laurecifs@ufba.br

as obras literárias de autores e autoras negras, do mesmo modo prestar homenagens a personalidades negras, em especial o mês de novembro, quando ocorreu a morte, em 1965, do líder negro Zumbi dos Palmares.

Ademais as Leis 10639/3, 11645/08 consolidam a obrigatoriedade da festividade intitulada Consciência Negra, tornando assim uma data oficial no calendário escolar. Para além disso, diz que o conteúdo programático deverá incluir o estudo da história da África e dos africanos, bem como afro-brasileira-brasileira e Indígena a cultura brasileira, o negro na formação da sociedade nacional preservando a contribuição do povo negro e indígena nas áreas social, econômica e política pertinentes a história do Brasil.

Dado o exposto, a lei não tem a sua praticidade no contexto da escola, em virtude de fatores externos que permeiam os partícipes tais como, formação para tratar sobre os assuntos que vertem sobre a África e seus descendentes e dos indígenas advindas da sua historicidade no Brasil; atualização de situações convergentes relacionadas ao contexto hegemônico europeu que estabeleceu um caminho de apagamento de fatos e silenciamento de vozes relacionados à história do povo africano e indígena, bem como a força da perpetuação de uma falácia voltada pelas vicissitudes narradas pelo colonialismo.

Levando em conta o que foi abordado, nos deparamos com atitudes estruturalmente engendradas com o objetivo de perpetuar e controlar através da hegemonia europeia, a medida que utiliza um *modus operandi* simples, sutil e devastador logo, o uso do livro didático como instrumento de poder. Não obstante, o objetivo deste artigo é analisar as faces do simulacro no racismo estrutural através dos instrumentos disponibilizados às escolas públicas, em especial o livro didático **Tecendo Linguagens** do 8º ano de Língua Portuguesa da Editora IBEP no ano de 2021.

Para melhor entender a importância deste instrumento, salientamos que a distribuição do material didático é realizada pelo Programa Nacional do livro e material didático (PNLD) instituído pelo decreto 9099 de 18 de julho de 2017, para tanto o Ministério da Educação e Cultura (MEC) se responsabiliza em adquirir e distribuir os livros didáticos e literários para as escolas. Isto posto, a seleção é feita pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, (FNDE) e por fim, na escola, no papel dos professores, seleciona opções para o envio dos livros a serem adotados, utilizados e reutilizados no período de quatro anos a partir da sua distribuição.

É inegável a importância desse instrumento para a comunidade escolar, que no seu contexto utiliza, por muitas vezes, apenas o livro didático como um meio físico para corroborar com o estudo. Por outro lado, ele abarca uma disfunção quando nos dispomos a analisar o seu conteúdo, que verte para uma situação tão grave quanto a própria ausência do livro na escola.

É ausência do corpo negro no livro; da autoria; do papel de vislumbamento na escrita da personalidade negra; do espelhamento da voz da história da mulher negra e do homem negro, longe dos holofotes demarcados por palavras que retratam apenas escravização, navios negreiros, tráfico de vidas, pelourinho, dentre outras.

Ao contrário do que muitos acreditam, é mister destacar que podemos traçar um outro caminho, que resvale na verdadeira história da África e seus descendentes dos afro-brasileiros e dos indígenas, aquele que construa a representatividade da vitória da mulher negra e do homem negro, que perpassa os escritos em diversos contextos e que estes possam servir de exemplo para os seus leitores tornem-se futuros escritores.

Ao refletirmos criticamente a ausência trataremos dessa análise contextualizando em face dos números representativos de autores e autoras negras. Contudo traremos em quantidade os autores não negros, a fim de que possamos refletir sobre a estrutura que correlaciona a aprendizagem com a racismo velado no instrumento de estudo que é o livro didático.

A luz do quadro teórico-metodológico nos baseamos na concepção de Freire (2013), quando diz que a linguagem nunca é neutra e Cuti (2010) defende que a discriminação é estabelecida desde a cultura até a produção literária.

2 TEORIZANDO O SEGREGACIONISMO

Esta discussão fundamenta-se nos estudos de Cuti (2010) por acreditar que importantes aspectos culturais foram suprimidos da história da nossa cultura, e com ela, os partícipes deste contexto simbolicamente foram subjugados e estigmatizados desde a sua chegada até os dias atuais.

Segundo Cuti (2010, p 12), "a literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, é fonte inspiradora do pensamento e da ação". É evidente que o ensino literário perpassa por toda ação política e ideológica. Por outro lado, como afirma o autor, esta possui uma das fibras mais fortes da resistência contra qualquer tentativa de segregação racial.

Em face disso, Cuti analogamente traz a percepção sobre a ausência da literatura negra na escola quando afirma que existe um silêncio midiático que reverbera nas instituições de ensino e conseqüentemente no ensino-aprendizagem.

Vale ressaltar que, a obrigatoriedade do ensino da temática História e Cultura Afro-Brasileira deveria ser pensada a partir dos instrumentos, faça saber o livro didático destinado ao ensino nas unidades escolares, o que infelizmente não acontece e por essa razão o autor

reafirma que as produções da literatura negro brasileira agem de forma reativa, pois na pluralidade existente se estabelece a interface da resistência através das convergências de ideias.

No intuito de ratificar a ausência da literatura negra na escola Cuti (2010) nos faz refletir quando salienta que o silêncio eurocêntrico diante da cultura negra e as práticas sutis de violência evidenciam a estrutura que se organizou legitimando a escrita da vivência dos africanos como subalternos e “escravos”, leia-se “escravo” como um estado permanente de alguém.

Outro ponto que merece destaque, verte para a busca dos europeus em caracterizar a nacionalidade brasileira, que surge a partir do Sec XX, quando utiliza-se a pobreza e os indígenas como suporte. Segundo Cuti (2010), a intenção era fantasiosa com “manifestações folclóricas”, neste ínterim seguimos até hoje repetindo arduamente a utilização do folclore como premissa para as comemorações nas escolas, as quais dizem formalizar a lei 10.639/03.

Neste contexto Cuti (2010), aponta que o lugar de fala é o único, se não o possível caminho para romper as barreiras imbricadas no texto dos autores não negros, que falam dos negros. É preciso reescrever a sua história apontando-lhes as contradições e diferenças garantido a autoria da sua vivência.

Além disso, em consonância com nossa pesquisa, Freire (2013) nos faz pensar no homem como um ser de integração, que busca caminhos para sucumbir fatores que o fazem ficar acomodado ou ajustado, quebrar estas barreiras que é uma luta incessante, chamada por esse estudioso de humanização. Nas palavras dele “uma das grandes, se não a maior, tragédia do homem moderno, está em que é hoje dominado pela força dos mitos e comandado pela publicidade organizada, ideológica ou não, e por isso vem renunciando cada vez, sem o saber, à sua capacidade de decidir”. (FREIRE, 2013. p 42)

Não obstante, a postura relacionada a segregação dos textos de autores/as negros/as no livro didático ecoa nas vozes da comunidade escolar, que é chamado de uma posição alienada e alienante a partir de uma apatia submissa.

Freire (2013) ressalta ainda, que é preciso exigir a responsabilidade dos dirigentes, na qual possa dimensionar com o povo, e comunicar-se com ele tanto pelo seu processo histórico quanto pela ação educativa, com isso ajudará a sociedade a evitar as distorções a que estará sujeita diante da invisibilidade na marcha de seu desenvolvimento.

E por fim temos, nestes termos, a imposição sublimada, como reafirma Freire (2013), não existe conversa entre a massa e a elite, apenas o seguir e obedecer. Para tanto, será necessário mudar esse cenário de solicitude, e a mudança surge a partir de um corpo que reclama, de uma voz que não ecoa, de uma história que nunca foi perguntada.

3 O CAMINHO PERCORRIDO DURANTE A REALIZAÇÃO DESTE ESTUDO

Diante do exposto, dentre os motivos que levaram a escrita deste artigo, iniciaremos tratando da importância do livro didático na escola pública.

Em primeiro lugar, a sua importância acontece em face de ser um instrumento de apoio, e para muitos, o único material físico do estudante da escola pública.

Por outro lado, a despeito de ser o único e ter a prerrogativa da lei, é um material que tem em média dois a três anos de edição, antes da sua utilização na escola e para além disso, este material não pode ser marcado, riscado, respondido, pontuado com interferências perceptíveis da aprendizagem, pois ele será reutilizado no ano seguinte pelo próximo estudante e assim segue por mais quatro anos. O que nos evidencia uma indiferença com ensino-aprendizagem.

Em segundo lugar, destacamos os textos que foram escolhidos para compor este livro de Língua Portuguesa, faça-se saber que na Bahia, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Trimestral (PNAD Contínua) 2018, os negros (pretos + pardos) somavam 2,425 milhões, ou 82,1% das 2,954 milhões de pessoas. Somos, portanto, considerada a população mais negra do Brasil.

Uma preocupação constante que entrecruza estes dados é a forma como se pensa o livro na educação da escola pública. Visto que, retornando para o material didático, a voz que traduz os escritos do livro da escola pública, não é a voz do corpo negro. Convém lembrar que, as Leis 10639/03 e 11645/08 precisam ser contempladas, obrigatoriamente, no livro que irá acompanhar a aprendizagem destes estudantes durante quatro anos, o que não ocorre.

Atualmente observamos que para contemplar as Leis 10639/03 e 11645/08, nós professores, precisamos trazer materiais externos, completar o material com textos avulsos do livro didático, pois o tangível não oferta a autoria negra no livro.

Dentre os inúmeros motivos que nos levaram a descobrir este padrão do silenciamento na ausência do texto de autoras/es negras/os no livro, o inicial ocorre na sala de aula, quando foi pensado a partir do estudo dos textos com os estudantes buscando descobrir que é a pessoa que está dialogando com ela/e no momento da aprendizagem, qual a intenção de possibilitar a/ao estudante saber quem escreveu o texto, com que intenção aquele texto foi colocado para ela/e.

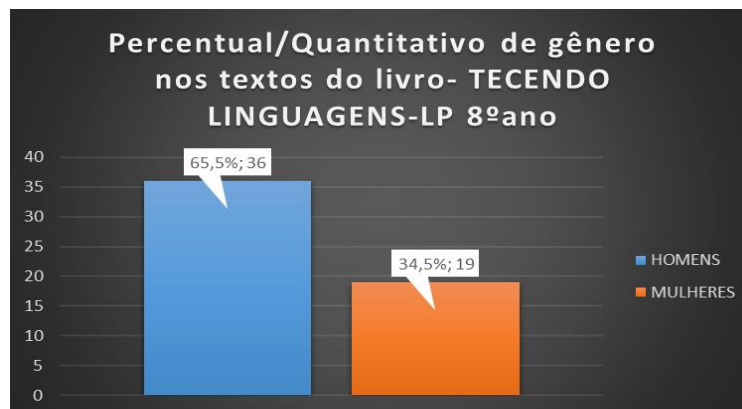
Neste contexto, percebemos e confirmamos a ausência dos textos de autoria negra na educação para a população considerada mais negra do país.

4 AFINAL, QUEM ESTÁ NOS LIVROS DIDÁTICOS DA REGIÃO MAIS NEGRA DO BRASIL?

Levando em consideração os aspectos expostos, apresentaremos um quantitativo da presença de textos de autoras/es negras/os no livro supracitado, vale ressaltar que das/os 55 autoras/es encontradas/as e pesquisadas/os, cinco destas/es não foi possível identificar a etnia e a cidade de nascimento por não localizar as informações necessárias.

Tendo em vista as circunstâncias observadas, inicialmente vamos verificar a incidência de gêneros, presente no texto, conforme o gráfico a seguir,

Gráfico 1- Quantitativo de textos de autores/as negros/as no livro didático Tecendo Linguagens-LP 8º ano.

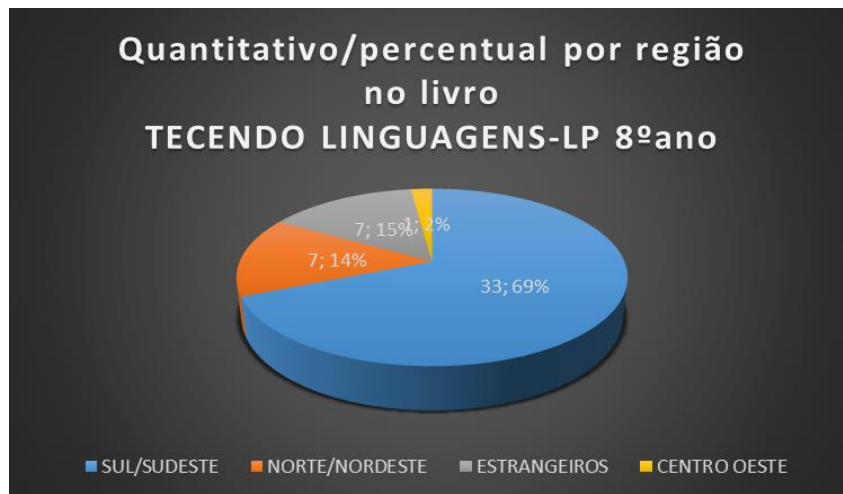


Fonte - Diário de pesquisa de Bruna Vasconcelos, de uma das autoras do texto.

Os números apresentados demonstram o percentual e o quantitativo da presença masculina 65,5% e feminina em 34,5% no texto, diante deste exposto observamos a alteridade machista presente na escolha dos textos.

Outro aspecto importante a ser analisado é a região da qual pertence a maioria das/os autoras/es que compõem o livro, salientamos que não foi possível identificar o quantitativo exato por falta de dados na busca, o número apresentado é baseado pela tiragem da maioria.

Gráfico 2-Quantitativo de textos de autores/as negros/as no LD Tecendo Linguagens-LP 8º ano por região

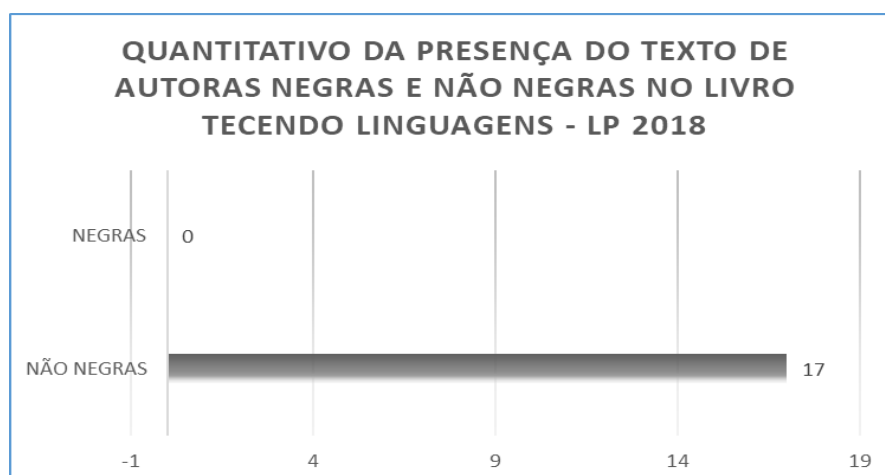


Fonte - Diário de pesquisa de Bruna Vasconcelos, de uma das autoras do texto.

Ressaltamos a região Sul/Sudeste 69% como a maior parte da seleção dos autores que compõem o livro, e a região Norte/Nordeste com 14% desta seleção, estrangeiros com 15% e o centro-oeste com 2%. Nos faz pensar subliminarmente no xenofobismo, quando se detém uma determinada região, em detrimento da outra, a qual a minoritária tem a sua característica como a região, no caso o Nordeste, mais negra do Brasil.

Dado o exposto, vamos apresentar agora o comparativo da presença dos textos das autoras negras e não negras no livro analisado, conforme o gráfico abaixo:

Gráfico 3- Quantitativo da presença do texto de autores/as negros /as no livro tecendo linguagens- LP-2018



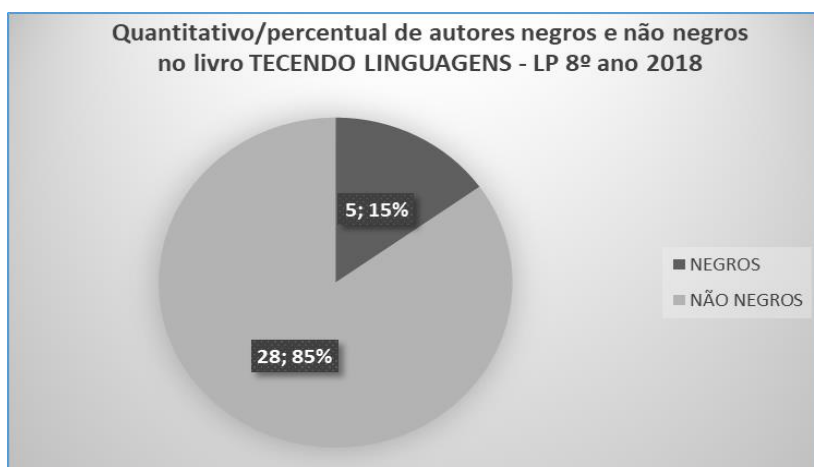
Fonte - Diário de pesquisa de Bruna Vasconcelos, de uma das autoras do texto

De acordo com as informações acima, salientamos que não foi possível identificar a totalidade dos dados da etnia das autoras presente na seleção dos textos do livro pela falta de

dados concebida durante a pesquisa. No entanto, diante dos dados apresentados, observamos a ausência de textos de autoras negras. E das mulheres selecionadas os dados mostram 100% de mulheres não negras, reforçamos ainda que, são elementos obtidos por imagem de currículo, redes sociais e retiradas no livro didático analisado. Contudo perante os fatos, o racismo tem sua estrutura estabelecida, e constatamos que todo silêncio é político.

E por fim, traremos agora o gráfico que demonstra a hegemonia, o machismo e o racismo com a presença e etnia de textos de autores negros e não negros no livro apreciado:

Gráfico 4- Quantitativo de autores/as negros e não negros no Tecendo Linguagens – LP 8º ano.



Fonte - Diário de pesquisa de Bruna Vasconcelos, de uma das autoras do texto

O gráfico acima demonstra a hegemonia na presença de autores não negros com 85% dos seus textos selecionados e 15% de autores negros com seus textos selecionados para compor o livro didático. Destacamos que toda a pesquisa foi feita baseada na imagem de currículos, redes sociais e imagens trazidas no livro analisado. E ainda, a totalidade não condiz com a representatividade dos números apresentados, pois não foram encontradas as referências da pesquisa dos autores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O QUE ESSES DADOS REVELARAM

Finalmente, concluímos que mais importante do que aprender os saberes da escola, será preciso entender o que está escrito nas entrelinhas do discurso. São inúmeras as atitudes veladas que escamoteiam a educação, decisões que vão desde a escolha de se manter no padrão de escola do Sec IX, e que ninguém contesta, diga-se de passagem, até a que vimos aqui com a escolha do livro didático.

É preciso acordar para este desafio, pois mais do que tenhamos a Lei 7.716/89 sobre o crime do racismo, precisamos descobrir os subterfúgios dos opressores, os lobos vestidos de carneiros.

As descobertas deste estudo alertam para o racismo estruturalizado que nós, as/os professoras/es que escolhemos o livro, servimos de mão de obra para dar continuidade a segregação silenciosa da ausência de textos de autoras/es negras/os no livro didático.

Conseguimos observar o livro de uma disciplina e apenas um livro, ficamos a pensar se os dados se estendessem para as outras, que resultado nós teríamos? Encerramos atentos que precisamos combater a falsa generosidade aliada nas gotas homeopáticas destinadas à educação.

Ratifico que os dados colocados neste artigo surgiram a partir de uma inquietação, e não tem intenção alguma em desmerecer as/os autoras/es escolhidas/os para compor o livro didático, afinal são merecedores de estar neste lugar tal qual mostra a sua competência escritora. O que nos lembra o lugar de fala que todas/os, sem exceção, temos que ter. A pedra no caminho é exatamente onde estão os escritos das/os autoras/es negras/os que não foram contemplados para seleção?

A reflexão é para as/os futuras/os autoras/es que organizam os livros didáticos, autoridades que selecionam os livros para as escolas e as professoras/es que escolhem os livros para as/os estudantes, e que nós possamos dizer não àqueles que permanecem intensificando uma hegemonia europeia e segregando a nossa gente e não nos deixando contar, com a nossa voz, a nossa história.

Este artigo alerta para o racismo estruturalizado que nós, as/os professoras/es que escolhemos o livro, servimos de mão de obra para dar continuidade a segregação silenciosa da ausência de textos de autoras/es negras/os no livro didático. Conseguimos observar o livro de uma disciplina e apenas um livro, ficamos a pensar se os dados se estendessem para as outras, que resultado nós teríamos? Encerramos atentos que precisamos combater a falsa generosidade aliada nas gotas homeopáticas destinadas à educação.

REFERÊNCIAS

CUTI. Luis da Silva, **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

BRASIL. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. Lei 11.645/08 de 10 de março de 2008. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Paz e Terra. São Paulo, 2013.

IBGE - Instituto Brasileiro De Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

OLIVEIRA, Tânia Amaral ARAÚJO. **Tecendo Linguagens 8º ano, IBEP**. 5ª ed. São Paulo. 2018.